

NOTAS DE VIAGEM: ROTEIRO VEREDAS

Fui convidada por Paulinho para participar da III Expedição Caminho dos Geraes. Não me fiz de rogada, aceitei o convite na hora. Na reunião do dia 14, para esclarecimentos e conagração das turmas, ficou decidido que a partida seria às 7h30 do dia seguinte, na Secretaria do Meio Ambiente.

Paulinho, Ricardo Brasil, Júlia, André e eu nos apresentamos às 7h20. Uma mesa enorme com frutas, pães, biscoitos, sucos deliciosos de umbu e mangaba, omelete preparada na hora, nos esperava. Muita alegria, muita conversa, planos, discursos e... enrolação na divisão de carros. A nossa sorte foi encontrar velhos amigos que prestigiavam a Expedição.

Ganhamos matula com cachaça, rapadura e paçoca.

9h10 - Partida. Gritos de Zé Paulinho misturados à euforia geral e à poeira levantada pelo helicóptero.

Num posto da Avenida Mestra Fininha paramos para abastecer e acertar os ponteiros. Mais enrola.

No roteiro Veredas: sete carros com o pessoal do IBAMA, IEF, IGAM, Prefeitura, Senac, AMDA e o nosso Ribeirão.

No posto Barral, nova parada. Ficou determinado que os veículos que não possuíssem rádio deveriam viajar no meio do comboio.

Fizemos um círculo. Cada represen-



tante do grupo se apresentou, tiramos fotos, fizemos uma ligeira prece e pé na estrada, gente, porque Coração de Jesus nos espera.

No caminho, um vôo de garças nos encantou. Acabaram pousando numa árvore seca, retorcida. Bonito. Flashes. "No meu morrer tem uma dor de árvore". Depois, uma vaca magérrima procurava uma relvinha para matar a fome. Verde zero, poeira cem.

Cada viatura recebeu em nome: Pequi, Ferrolho, Poirão, Bipolar, Araruta, Ribeirão e Serra do Cabral.

10h25 - Boiada esquelética, desanimada, fuçando o capinzinho fulustreco. Poucos coqueiros com grandes cachos de macaúba, árvores secas e um fiozinho de riacho.

Um carcará nas costas de uma vaca. Será que encontrará pelo menos um carrapato? Os flamboyants estão lindos, grávidos de flores vermelhas e amarelas. Excessivamente exuberantes, são o Charles Bornay das árvores, segundo Ricardo Brasil,

nosso companheiro fotógrafo, carioca, Bornay de simpatia.

Uma fazenda cercada de muros. Para que maior isolamento nesta solidão? Queimadas, queimadas, quilômetros de feiúra. Área branca sendo extraída. Será tabatinga? Entulhos na beira da estrada. Eta qui quá!

10h40 - Muita cagaiteira carregada de frutos amarelos e doces. Uma verdadeira tentação para quem não prestou atenção ao nome e não sabe o resultado da comilança.

Fomos avisados de que não vimos nenhuma vereda. Características das veredas: continuidade da vegetação, buritizeiros, terra úmida e esponjosa.

11h- São João da Vereda, praça central, ruas estreitas, muito sol.

Ficamos conhecendo Dona Almira Ramos Fonseca e seu filho, preocupados com a seca. Ela nos disse ainda, que ainda não plantou o feijãozinho e o milhozinho de sempre, somente plantou duas covinhas de abóbora e as entregou pra Deus; que hoje a



cidade está alegre, colorida, diferente dos outros dias em que se pode até andar pelado na rua; que o rio Tamboril, que deságua no Pacuí, nasce aqui pertinho, mas esta acabadinho, acabadinho.

Uma senhora me abraçou e Dona Almira, preocupada, me avisou que ela "era doida, coitada! Único doido da cidade." Vi mais dois.

Depois que fiz xixi no fundo do pequeno quintal, no local indicado pela gentil proprietária, seu filho informou-me que morava em Montes Claros e que me conhecia. "A senhora não é viúva de Dr. Mario"? Éta ferro...

11h25 – Fomos conhecer a nascente do tio Tamboril. Antes paramos num lugar aprazível, arborizado, com horta e galinheiro. O Senhor Paga 300,00 de luz, mas vale à pena. Informou-nos também que há uma gruta maravilhosa na fazenda dos Versiane.

11h45 – Chegamos à fazenda Mata Grande. Apeamos numa casa em construção, com um forno de barro e um pilão muito usado.

O dono, velhinho simpático, Sr. João Batista, é casado com Dona Maria José e tem 10 filhos espalhados neste mundão. Batemos um longo papo com Dona Maria José e ela nos contou que ama sua glebazineira. Trocaram sua casa de Montes Claros pelo terreno há mais de 20 anos e está muito feliz. "Não tem violência, é bonito, fresquinho, cheio de ar". Agora está tudo seco, mas quando chover vira uma maravilha. "Em se plantando tudo dá", esclareceu com outras palavras. Lembrei – me de Manoel de Barros:

"Não tenho pressa".

"Tenho árvores, ventos"

"Passarinhos – issos"

Precisamos de muito pouco para ser feliz, filosofei.

A nascente é um poção rodeado de árvores e lírios do campo. Dona Maria esclareceu que o nível da água não muda mesmo se chover abundantemente.

Uma ligeira parada no povoado para comprar água. Paineira muito linda na saída

do povoado e um doido careteiro – dez caretas para cada palavra.

13h – Fazenda velha com um bellissimo flamboyant.

Sítio S. Cristóvão, onde caça e pesca são proibidas. Muitos sítios e fazendas. Atenção! Riacho! Gado gordo! Estamos passando pela fazenda "Rancho Alegre" do Dr. A. A. Athayde. Pastos a perder de vista, capineiras, plantação de eucalipto, silos, confinamentos, cercas bem feitas, bebedouros, cavalos magníficos, o escambau.

13h30 – Parada. No alto, sequidão, feiúra, desmatamento. Na baixada, rio Pacuí, árvores. Atravessamos a ponte sobre águas límpidas. Um casazinho faz pic-nic na margem, com fogueirinha e tudo. O amor é lindo.

Aproveitamos para "pinçar" com dedos a paçoquinha da matula. Alguns companheiros caíram na água.

14h10 – Córrego Canabrava. Informaram-nos que este é uma das dores de cabeça do IEF devido às inúmeras carvoarias. Ponte fajuta.

14h15 – Entrando em Coração Jesus, cidade asfaltada, ruas largas.

Encontramos a prefeitura fechada, mas um senhor se prontificou a levar-nos à casa de Toninho, ex-prefeito coordenador local da expedição.

14h30 – Chegamos famintos ao Restaurante Diamantino. Comida boa, graças a Deus.

15h40 – Visitamos a cidade, praça principal, Matriz, casarão com janelas azuis, algumas casas antigas, estátua enorme do coração de Jesus. Metade da turma foi fotografar uma igreja antiga e, creiam, ficou perdida na cidade. Enquanto esperávamos tomávamos sorvete.

16h30 – Partimos em direção a São João da Lagoa, 112 km de asfalto.

Parada – uma vereda, aliás, ex-vereda, porque os buritis morreram, não há água, não há verde, apenas areia e saudade. Os técnicos esclarecem: nem daqui a 300 anos haverá vereda novamente, a natureza está transformando a área em cerrado. Pés

de pequi já nascem no local.

Causas determinantes: Estrada cortando a vereda, plantação de eucalipto ao lado da vereda (morta), queimadas, gado. O que fazer? Só lastimar não basta.

17h45 - São João da lagoa estão reconstruindo uma lagoa, onde deveria ter sido uma vereda pela quantidade de troncos mortos de buritizeiro.

Uns companheiros desejavam telefonar (havia um orelhão) e outros comprar água num boteco. Água? Pois sim! Ninguém é de ferro.

18h35 - Saída para lagoa dos patos.

19h - Parada. Queimadas nos dois lados da estrada. Fotos.

19h15 - Continuando rumo à lagoa dos patos.

19h30 - Chegada em lagoa dos patos, cidades com 4.000 habitantes. Um punhado de gente nos esperava com música, fogos, faixas de boas-vindas.

As mulheres ficaram hospedadas no hotel e os homens se viraram. Uns dormiram em colchões "puros" colocados no chão do centro de saúde, outros procuraram uma pensão. Depois de um rápido banho, corremos para a festa em nossa homenagem. Depois que cada componente da Expedição se apresentou, Paulinho falou, falou, e as atrações começaram: coral, violão, dança, piadas, história da cidade, apelidos das famílias, causos, etc., etc. Após o belo tombo do Ricardo, fomos matar a fome e o cansaço.

Dia 16 - Sexta feira

6h30 - Alvorada, isto é, bombas no pé do ouvido.

O casarão da família Dumont é bonito e bem conservado. Os repórteres entrevistaram o dono, o irmão do Deputado Cícero Dumont, que vive há 94 anos na casa que pertenceu aos seus pais, construída há mais de 100 anos. Alguns habitantes que passavam no local não gostavam da entrevista e fizeram desagradáveis referências ao entrevistado.

8h40 - Estrada novamente.

Objetivo: Jequitaiá.

Parada na ponte sobre o rio Riachão, bonito, pedregoso.

9h30 - Placa para marcar o limite dos municípios de Santos Dumont e Jequitaiá em plena Serra. Vista muito bonita do vale da Fazenda Correntes, desativada.

O biólogo Tatá, de Brasília, nos deu uma aula sobre plantas do local: Bate-caixa, douradinha, pau santo, etc.

10h15 - Chegada a Jequitaiá, cidade com nove mil habitantes. Atravessamos a ponte e encontramos a senhora Secretária do Prefeito nos esperando.

10h30 - Visita ao museu histórico, cultura e garimpo de Jequitaiá. Explicação da Professora Marilúcia Gomes Matos sobre a cidade. Museu pequeno, simples, mas bom exemplo para as outras comunidades. Não tem noção de museologia, mas, com toda singeleza, tem vontade de preservar sua história.

11h - Saída para Lapa Pintada. Estrada ruim ao lado do rio que mansamente corre entre pedras.

Não fui ver as pinturas rupestres. Paulinho me consolou, dizendo que foi melhor eu não ter ido, porque iria ficar furiosa com as pichações sobre as pinturas milenares. Verdadeiro caso de polícia. Deus nos presenteia com as inúmeras belezas, mas, ingratos, as destruímos com incêndios, desmatamentos, pichações, usura.

12h - Parada no posto para "desabastecer".

12h20 - Parada no sindicato dos trabalhadores rurais para apreciar os trabalhos que estão sendo vendidos em Inhotim. Lindas almofadas.

12h45 - Parada para pré-almoço na escola. Tudo simples com gosto de carinho.

13h10 - Saída para Barroão, distrito de Jequitaiá. O senhor Gameleira, motociclista, nos acompanhou o tempo todo, uma delicadeza do prefeito.

13h20 - Vereda à esquerda da estrada.

Estrada de terra bem degradada.

13h30 - Entrada em Barroão para ver os trabalhos em madeira do artesanato da terra: Sr. Elpídio.

14h – Claro dos Poços. Estrada de terra. Socorro, DER!

14h15 – Travessia do Rio São Lamberto.

14h25 – Expedição parada para encontro com o representante do prefeito.

14h40 – Claro dos Poços.

Chamou-nos atenção a quantidade de barraginhas à beira da estrada.

Sirene, foguetes, buzinaço, etc.. Levaram-nos à praça principal, onde discursos, apresentações, feira de artesanato, Prefeito, Primeira Dama, Secretários e povo nos esperavam.

15h40 - Saímos em direção à cachoeira da cidade.

16h40 – Almoço na casa de campo de Maria Eustáquia de Castro, irmã do prefeito, que nos recebeu carinhosamente.

18h30 – Entrada no povoado Boa Sorte, onde visitamos a cachoeira de mesmo nome, grande, bonita, mas com pouca água. Artesanato, sanduíches.

Resultado da III Expedição Veredas

40 frangos, mínimo, foram sacrificados em nossa homenagem.

Sugestões

- Levar representante do DNIT, DER, CODEMAS;
- Levar representante do Conservatório e/ou dos Cursos de Artes da Universidade;
- Distribuir camisetas, bonés, bolsas da expedição, folhetos sobre Montes Claros;
- Levar uma ou duas crianças/jovens por roteiro, incentivando o amor à natureza e conhecimento de nossa região;
- Representantes devem preparar, com a Secretaria de Meio Ambiente, projetos de ajuda às comunidades que serão visitadas. Maior troca de experiências;
- Levar livros, incentivar a criação de bibliotecas;
- Diminuir a quilometragem de área e o número de expedicionários; máximo de doze pessoas por roteiro;
- Cumprimento dos horários;
- Divulgar o resultado da expedição (vídeos), nas escolas.
- Dedicar um dia para cada cidade;
- Reunião com todos os expedicionários, por roteiro, explicando os objetivos e o espírito da expedição.

